

Entrevista com o Ciberpajé, Edgar Franco

VIVIANE LEANDRA DOS SANTOS



“BioCyBerDrama Saga”: Quadrinhos, Autoralidade & Amor Incondicional.

VIVIANE LEANDRA: Como você define as influências que formaram a trajetória do autor Edgar Franco?

EDGAR FRANCO: Uma pergunta ampla, mas serei sintético, sou um ser em mutação constante, em construção, pronto a mudar minha visão do mundo e da arte a qualquer instante, portanto sigo sendo influenciado por tudo o que experiencio, sem a prisão de nenhum dogma de ordem estética, mítica, mística ou ideológica. Minha obra artística nas múltiplas mídias é construída através da minha pulsão natural em criar, e a criação torna-se um ritual de autotransformação rumo à transcendência. Interesse-me pela arte que propõe a transmutação, a integralidade do ser, essa arte quase sempre ganha contornos iconoclastas. Para citar alguns poucos exemplos, destaco nos quadrinhos nomes como Alejandro Jodorowsky, Druillet, Antônio Amaral & Gazy Andraus; no cinema Cronenberg, Stanley Kubrick & Kurosawa; nas artes visuais H.R.Giger, Hieronymus Bosch, Klimt, Egon Schiele, Frank Frazetta, A.O.Spare & William Blake; nas artes híbridas Stelarc, Kac, Roy Ascott & Mark Pauline; nas artes mágicas Spare, Peter

Carroll, Dion Fortune, Crowley & Gurdjieff; nas artes psiconáuticas Terence McKenna, Jeremy Narby, Stanislav Grof & Timothy Leary.

VIVIANE LEANDRA: É correto afirmar que o criador, Edgar Franco, se fundiu à criação *Ciberpajé*, tornando-se um híbrido entre o corpo material e o corpo idealizado?

EDGAR FRANCO: Sim, foi algo natural em meu processo contínuo de busca de alcançar minha integralidade como ser, pois nos tornamos aquilo em que acreditamos. Se tivermos total consciência de nosso ser, poderemos moldar nossa realidade. O Ciberpajé é nada mais, nada menos do que a bela e violenta erupção daquilo que realmente sou. Renomear-me e assumi-lo no meu dia a dia foi um ato poético de coragem. Além disso, mesmo com toda a discriminação e a revolta de alguns, é muito divertido ser o Ciberpajé, e a vida só tem sentido se envolver alegria. A alegria é a oração mais sagrada que existe, uma oração cósmica!

VIVIANE LEANDRA: Tendo em vista que você é um pesquisador e autor de História em Quadrinhos em várias mídias, como define a escolha de formato para a construção de uma obra?

EDGAR FRANCO: Como artista posso ser definido com um criador de narrativas nas mais diversas mídias. Sou um narrador transmídia. Infelizmente a dita “arte contemporânea” tem birra com as narrativas, pois acha que elas didatizam a mensagem da obra, com isso tornou-se um amontoado de lixo pedante e esvaziado de sentido, e morreu de vez ao abandonar o sagrado e entregar-se a um materialismo tosco de base marxista. Eu não faço parte desse mundo chamado “arte contemporânea”, eu o abomino na verdade, tudo que concebo como arte está distante demais de seus preceitos. Como narrador sou um experimentador, a ponto de já ter criado neologismos para batizar experimentos narrativos como as HQtrônicas – HQs hipermediáticas, e os HQforismos – termo forjado em parceria com Danielle Barros - que já desembocaram em experimentos hipermediáticos como HQGIForismos e HQforismos Expandidos. A escolha de como vou narrar algo que pulsa em meu coração, se vou narrar como performer, como poeta visual, como quadrinhista, como musicista, como videomaker,

ou escritor, é algo que depende do momento e do suporte mais adequado ao que pretendo narrar.

VIVIANE LEANDRA: Nas HQs existe o que funciona ou o que não funciona para cada tipo de formato?

EDGAR FRANCO: Sim, é importante compreender profundamente o meio/suporte para o qual irá criar a HQ ou HQtrônica. Já vi histórias longas, em álbuns de 150 páginas que poderiam ser contadas em 10 páginas e por se agigantarem perderam a força. Também vejo HQs curtas que perdem o impacto justamente por não terem sido desenvolvidas em mais páginas. A concepção de quadrinho autoral no Brasil sofreu uma distorção grande. A cena dita “autoral” tem na verdade um predomínio de trabalhos derivativos com pouco ou nenhum traço real de autoralidade, mas o formato padrão do que agora concebem como HQ de autor é o álbum de no mínimo 48 páginas (padrão Europeu), então tenho visto dezenas de “álbuns” desenvolvidos em nosso país com desenhos bonitos e roteiros horríveis, histórias fracas que poderiam até ser interessantes se tivessem 4 ou 5 páginas, mas nunca mais que isso.

VIVIANE LEANDRA: Como surgiu a necessidade de se transportar *BioCyberDrama do Fanzine* para o formato de *Graphic Novel*, e se esse seria o termo mais adequado?

EDGAR FRANCO: O fanzine *BioCyberDrama*, que está reproduzido na íntegra ao final do álbum *BioCyberDrama Saga* é um produto poético muito diferente da narrativa do álbum. O fanzine lança mão da linguagem poético-filosófica e foi, na verdade, o princípio da criação do universo ficcional da “Aurora Pós-humana”. O álbum *BioCyberDrama Saga*, que acaba de ter sua segunda edição ampliada lançada pela Editora UFG, teve sua longa narrativa concebida para ser desenhada pelo lendário Mozart Couto. A obra surgiu de um convite de Couto para desenvolvermos algo juntos. São criações distintas, mas conectadas pelo universo ficcional transmídia da *Aurora Pós-humana*.

VIVIANE LEANDRA: Como o senhor analisa uma adaptação para uma *HQtrônica* do universo de *BioCyberDrama Saga*? E se isso é possível ou relevante?

EDGAR FRANCO: Já existem 3 HQtrônicas criadas por mim que se passam no mesmo universo do álbum *BioCyberDrama Saga*! São elas *NeoMaso Prometeu* - que ganhou menção honrosa no *Festival Videobrasil (2001)*, *Ariadne e o Labirinto Pós-humano* - essa a mais longa, com mais de 600 desenhos criados para ela, efeitos sonoros, trilha sonora, animações, multilinearidade; e *brinGuedoTeCA 2.0* – baseada em uma HQ homônima publicada na minha revista em quadrinhos *Artlectos e Pós-humanos # 2*. *NeoMaso Prometeu* e *Ariadne e o Labirinto Pós-humano* estão publicadas em um CD-ROM que vem encartado no meu livro *HQtrônicas (Editora Annablume, 2.ed. 2008)*. Existem inclusive conexões diretas entre as histórias, como por exemplo, na primeira parte de *BioCyberDrama Saga*, quando o personagem Antônio desce o elevador de seu prédio cumprimenta nele Ariadne, que é a personagem central da HQtrônica *Ariadne e o Labirinto Pós-humano*. Sugiro que procure essas HQtrônicas, elas têm a mesma densidade narrativa de *BioCyberDrama Saga*.

VIVIANE LEANDRA: Tanto na *HQ BioCyberDrama Saga* quanto em seus aforismos o senhor demonstra que o amor é puro desde que aceito primeiramente pelo eu, o indivíduo, para depois buscar o do outro, inclusive em entrevistas o senhor defende essa ideia de amor verdadeiro livre de dogmas impostos pela sociedade. Nesse aspecto cada personagem em *BioCyberDrama Saga* seria uma representação das suas convicções sobre as múltiplas faces do amor?

EDGAR FRANCO: Em síntese *BioCyberDrama Saga* é uma história sobre a busca do amor incondicional. Sobre a dificuldade mais complexa de nossa espécie, a aceitação completa do outro e de suas diferenças, toda a dor e o sofrimento no mundo vem dessa inabilidade em reconhecermos o outro em sua complexidade e amá-lo sem julgá-lo. Somos irmãos de jornada nesse planeta, mas seguimos criando dogmas de todas as ordens que geram ódio, dor, morte e sofrimento. E o amor ao outro só pode nascer realmente se iniciarmos a compreensão profunda de quem somos, perdoarmos nossos paradoxos, aceitarmos-nos integralmente e desenvolvermos um profundo auto-amor. Como amar alguém se não conseguimos nos amar? Todos os personagens de *BioCyberDrama Saga* são partes de mim, alguns mostram aspectos obscuros e renegados que tive que trazer à tona. Foram construídos a partir de minha complexidade como ser, e ao desenvolvê-los tornei-me mais empático e respeitador das complexidades e diferenças, pois percebi como muito daquilo que abomino nos outros está

também em mim. Criar *BioCyberDrama Saga* tornou-me mais compreensivo e amoroso em relação à nossa controversa espécie humana, transformou-me como indivíduo. A arte é minha forma de magia ritual rumo à minha integralidade e ao amor incondicional cósmico.

VIVIANE LEANDRA: De acordo com Umberto Eco, a interpretação de uma obra ou personagem feita por um determinado grupo depende da carga cultural nele contido, como o senhor analisa as interpretações feitas por críticos e leitores que, inicialmente, não foram consideradas no conceito original dos seus personagens?

EDGAR FRANCO: Eco está correto, uma obra é aberta, a interpretação dela dependerá de inúmeros fatores, até mesmo de ordem climática, ler minhas HQs em um dia chuvoso ou com o sol a pino poderá gerar reações diversas, interpretações múltiplas. Obviamente na maior parte de minhas obras eu tenho claro em minha mente e coração qual será a mensagem, e o processo criativo torna-se uma forma de magia ritual de fixação daquele sentido para mim, uma forma de autotransformação. É um ato mágico de mudança da minha realidade. Ou seja, o sentido real de minhas criações está na transformação que ela processará em minha realidade ordinária, nas mudanças que promoverá em minha vida através do processo criativo. Não me importo nem um pouco com a recepção de minha arte, se as pessoas vão interpretá-la da forma que imaginei ou não, isso é residual. Obviamente fico alegre quando percebo que muitas pessoas foram tocadas com minhas criações, e assustado ao perceber como várias delas conseguiram perceber exatamente sobre o que estou falando. Por isso sigo publicando os trabalhos, penso que talvez eles possam auxiliar a oxigenar as chamas que já existem em certas pessoas rumo à suas revoluções individuais.

VIVIANE LEANDRA: Em algum momento, uma determinada interpretação ou crítica feita sobre *BioCyberDrama Saga* foi capaz de revelar algo que o senhor não havia pensado durante o processo criativo, e posteriormente, o fez considerar como um possível rumo tomado pelo seu universo ficcional?

EDGAR FRANCO: Em minha trajetória como artista se eu fosse dar ouvidos às críticas e elogios ao meu trabalho teria enlouquecido, ou desistido. As pessoas têm sempre as visões delas de como as coisas devem ou não ser, estão sempre dispostas a opinarem sobre a vida dos outros,

e na maioria dos casos não conhecem nem ao menos quem são. Rejeitei propostas de 3 editoras conhecidas no mercado brasileiro de publicarem *BioCyberDrama Saga* justamente porque queriam mudar algo na história, um dos tais editores propôs inclusive um novo final. Você pode avaliar o que crio como bom ou ruim, pode detestar ou gostar e até mostrar-me aspectos inusitados que eu não tinha percebido na obra, o que acho divertido e curioso! Mas creio na criação como algo ritualístico que deve surgir a partir da experiência, uma alquimia do indivíduo como antena da espécie. Experiências alheias não devem contaminar esse processo. No caso de *BioCyberDrama Saga* só uma pessoa contribuiu comigo nesse processo, foi Mozart Couto, que tornou-se coautor e envolveu-se visceralmente com a obra. Em certo momento, seu carinho por um personagem da saga, mudou seu papel na história! Mas veja bem, Mozart estava envolvido no processo de criação, éramos a egrégora de 4 mãos desenvolvendo o álbum. Meu conselho para os artistas jovens que me procuram é: Não deixe as críticas e elogios abalarem suas convicções estéticas e poéticas, ouça-os com carinho e respeito a quem os proferiu, mas esqueça-os imediatamente e siga criando sem máculas.

VIVIANE LEANDRA: Sua obra *BioCyberDrama Saga* é resultado tanto de suas pesquisas teóricas quanto das experiências práticas com plantas psicoativas, além da sua vivência como ser humano e, por que não dizer, *pós-humano*. Nesse aspecto, assim como Umberto Eco, pode-se considerar que todo o universo resulta do autor empírico *Ciberpajé/Edgar Franco* sem uma necessidade de incorporar ao autor modelo para que a trama exista?

EDGAR FRANCO: Somos, em primeira instância, frutos de nossa dimensão cósmica. Somos – como destaca Grof – hologramas do Universo e temos toda sua complexidade em nós. Em segunda instância somos fruto da nossa espécie e de sua trajetória pelas eras em que existe em nosso planeta, isso está gravado em nossa rede de campos morfogenéticos. Finalmente somamos a isso a instância individual, as experiências vividas em nossa existência nesse momento no tempo. As experiências psiconáuticas com uso de enteógenos e os transe ritualísticos com base na magia são formas práticas de alcançar e dialogar com a minha dimensão cósmica, meu “inconsciente univérsico”. As pesquisas teóricas na tradição da ciência ocidental e da academia auxiliam-me a ter uma compreensão mais ampla da influência inconsciente que sofro de minha espécie – o “inconsciente coletivo”, de seus inventos e de sua controversa historiografia. Assim a minha criação artística é fruto da experiência como

indivíduo e dos mergulhos em minhas dimensões coletiva e cósmica, a somatória dessa tríade resulta em tudo que crio, e os meus atos criativos de transmutação também tornam-se experiências de vida com uma grande força transformadora. A “Aurora Pós-humana” é meu sistema mágico singular, na tradição da “magia do caos”, um universo ficcional com todas as singularidades que me caracterizam como ser, somadas às minhas percepções humanas, transumanas, pós-humanas e cósmicas.

Viviane Leandra é licenciada em Letras pela UEG

